



Memórias da Primeira Guerra Mundial

Meir Kucinski*

Quando estourou a guerra em *Tisha B'Av*,¹ os judeus disseram que era um verdadeiro *Tisha B'Av*.

Nossa cidade se localizava perto da fronteira alemã e os russos saíram dela logo que estourou a guerra.² Quando eles a abandonaram, nós, crianças do *cheder*,³ entramos nas casernas e nos apoderamos de seus galardões e de seus botões militares – o que para nós era um grande achado. Os russos incendiaram a ponte de madeira sobre o Vistula e milhares de pessoas vieram ver como ela ardia. Depósitos e reservatórios de combustível pertencentes à linha de trem também se consumiam em chamas impondo grande medo na população que passava o tempo dia e noite nas ruas. Passados três dias, apareceram alguns jovens soldados alemães que viriam a ser novidade para o povo. Durante sete dias a cidade permaneceu sob mando dos alemães, que raramente se mostravam em público. Mais tarde, quando os russos retomaram, os judeus, que tinham sido convocados ao serviço militar e os provedores, se esconderam na esperança dos russos abandonarem novamente a cidade para escapulir de ir à guerra. O novo contingente militar russo estava constituído por cossacos com listas amarelas, que impuseram terror sobre a população judaica. Correu a notícia, que no trajeto de Brisk à Wloclaveck, o condutor de carroça judeu, Henich, o cego, infortunadamente conhecido pelo seu sobrenome *Guerman* (que significa alemão em russo), foi enforcado pelos cossacos. Parte da população polonesa se aliou aos soldados cossacos russos, e sem aviso prévio, entraram nas lojas dos judeus levando o que lhe dava nas ganas. Na rua eles importunavam judeus.

O rabino Kovalsky se dirigiu então ao general cossaco, com a intenção de reclamar em nome da comunidade judaica. Os judeus ficaram estarecidos pelo que poderia lhe acontecer. O rabino, assim contaram, foi repreendido para evitar que os judeus espionassem a favor dos alemães, sendo assim, mal algum lhes aconteceria. Os militares russos permaneceram três semanas. Certa vez, ocorreram enterros de cossacos mortos em batalha nas proximidades de Nieszawa que ficava distante à vinte quilômetros de nós. Eles vieram transportados por seus companheiros em caixões de defuntos abertos com os braços cruzados sobre o peito. Eu os vi de soslaio, da nossa janelinha do terceiro andar. Os judeus, durante os enterros dos cossacos, não se fizeram ver nas ruas. Os milhares de acompanhantes civis eram apenas poloneses. Depois, os russos se retiraram e os alemães retornaram. Durante alguns dias, a cidade não pertenceu a ninguém. Neste ínterim, se constituiu uma milícia civil da qual



muitos judeus tomaram parte sendo que um de seus comandantes era também judeu. Com o passar do tempo, houve uma confusão com o dinheiro. Dinheiro russo não queríamos pegar, dinheiro alemão ainda não circulava, então, a cidade e seus guardiães emitiram dinheiro próprio de Wloclawek. Dessa vez, os alemães entraram na cidade aos milhares.

Eu, aluno de *talmud-torá* de onze anos, me livrei do peso que eram os estudos do *cheder* (e assim o fizeram todos os meninos e os *melamdin*⁴ também...) e me juntei (*mitguefibert*) aos soldados alemães: prestei serviços de guia por dez centavos, indicando endereços, etc. Como todos meninos, fiz também uma caixinha para vender cigarros colocando à vista dois artigos que os alemães mais compravam. No segundo andar do nosso amplo e muito cômodo edifício, que estava desabitado, se instalaram soldados alemães. Aí então é que me familiarizei inteiramente com eles. Lembro que a noitinha eles rezavam a Bíblia e logo depois os salmos. Os mais velhos costumavam fumar com longas piteiras de porcelana. O tempo todo eles se ocupavam em limpar, trocar e buscar piolhos nas roupas. Eles deram de presente aos vizinhos, de mãos cheias, balas duras feitas de açúcar e pão também. Suas mochilas estavam repletas de salame, sardinhas, carne e banha de porco.

Gente que estava a passar fome ganhava restos das suas refeições com pedaços de carne, bem como sapatos gastos e aquecedores para as orelhas, o que era uma novidade para nós. Oito semanas estiveram os alemães ali. Eram velhos com capacetes negros de laminas pontiagudas. Logo a seguir, fizeram como os russos: incendiaram as pontes de trem sobre o rio, arrancaram os trilhos e se foram...

Com a saída deles, a cidade ficou apavorada. Nos dois meses que eles aqui estiveram, a população ao final se acalmou. A noite inteira ouvimos passos militares de milhares de soldados, caminhando e caminhando. Ao amanhecer, os russos tinham voltado. Eles foram a pé atrás do exército alemão em retirada. Nossa cidade era ponto de passagem. A população judaica havia preparado carroças com produtos panificados e arremessava pães nas fileiras do exército russo em movimento. Famintos, eles mastigavam o pão em movimento.

Eles carregavam pequenos canhões e corriam ligeiro atrás dos alemães. Das fileiras se ouviu: "sou judeu". Então jogávamos pãezinhos, *chale*,⁵ maçãs. A cidade se encheu de russos. Famintos, cansados com horas não dormidas. Novamente um grupo de soldados veio até meu pai para consertar suas botas. Lembro-me de que minha mãe cozinhou chicória na maior panela e arranjou pão para eles, os soldados russos mais velhos se deliciaram. Minha mãe forrou o interior de suas botas com novas camadas e meu pai e seu irmão consertaram



as solas. Apesar deles pechincharem no preço, o pagamento, no entanto, foi por conta dos agradecimentos que eles fizeram.

Dessa vez os russos não importunaram os judeus. Somente em alguns casos em que eles levaram botas das lojas de sapatos. Sete dias eles permaneceram na cidade até que despontou a grande batalha. Morávamos no terceiro andar do maior edifício, na moradia mais alta da cidade e nosso telhado era de vidro. Subiu então um russo e ordenou que não acendêssemos luz ou que tampássemos os vidros. À noite, ouvíamos tiros de metralhadoras com frequência, sem cessar, num único tom. Era o final do verão, as cinco da madrugada. No alvor da manhã, com o cessar do tiroteio, agarrei minhas calças e sai fugitivamente de casa. Na rua se encontravam alemães de bicicletas e a cavalos. A população civil se encaminhava para o *down town* em direção a três quilômetros ao sul de Wloclawek. Como vi que iam o rabino e Jacob Neta Kruschynski fui também. Pelas ruas do *down town*.

Tradução: Avraham Milgram.

* **Meir Kucinski** foi escritor e professor. Nascido na Polônia, em 1904, Kucinski imigrou para o Brasil em 1935, estabelecendo-se em São Paulo, onde faleceu em 1976. Vários de seus contos, alguns deles premiados, foram publicados no Brasil, traduzidos para a língua portuguesa, na coletânea *Imigrantes, mascates & doutores*, com organização e seleção de Hadassa Cytrynowicz e Rifka Berezin, e em *O conto ídiche no Brasil*, organizado por Genha Migdal e Hadassa Cytrynowicz.

Notas

¹ O nono dia do mês de Av no calendário judaico, dia de luto religioso e nacional dos judeus que lembram e lamentam a destruição do 1º. e 2º. Templo em Jerusalém, rezando em jejum. Também a expulsão dos judeus da Espanha começou em *Tisha B`Av*.

² No último quartel do século 18, o estado polonês foi conquistado e seus territórios repartidos entre o Império Russo que se apoderou da Polônia Central, que ficou conhecida como a Polônia Congressista, o Império Austro-Húngaro que dominou o sul da Polônia, denominado Galícia, e o Império Prusso que ficou com a parte ocidental da Polônia. No final da Primeira Guerra Mundial, com os acordos de Versalhes, a Polônia voltou a ser um estado



independente. A cidade de Wloclaweck, onde nasceu Meir Kucinsky, pertencia até então ao Império Russo.

³ Escola inicial para estudos da Torá.

⁴ Instrutores que tinham por função alfabetizar as crianças e transmitir o ensino básico das escrituras, principalmente o Pentateuco.

⁵ Pão especial para os sábados e dias festivos.